

Artigos

Recebido: 06.05.2017

Aprovado: 20.06.2017

DOI <http://dx.doi.org/10.18316/REDES.v5i2.3735>

* Universidade de Frankfurt,
Alemanha

** Tradução do texto:
Veyzon Campos Muniz



Por uma Polarização Democrática: como por abaixo o populismo de direita?¹

Jürgen Habermas^{2*}

RESUMO

O presente texto especial apresenta tradução de entrevista de Jürgen Habermas, concedida à publicação alemã *Blätter*, acerca do ambiente político de crescimento de ideologias de direita nas democracias contemporâneas, sobremaneira, no contexto europeu, a partir de dez questionamentos atuais, seccionados em quatro segmentos temáticos. No desenvolvimento textual, utilizou-se do método interlingual de tradução.

Palavras-chave: Ambiente Político; Polarização Democrática; Tensionamento Ideológico; Populismo de Direita; Perspectivas.

For a democratic polarisation: how to pull the ground from under right-wing populism

ABSTRACT

This special text presents a translation of interview by Jürgen Habermas, given to the German publication *Blätter*, about the political environment of growth of right-wing ideologies in contemporary democracies, especially in the European context, based on ten current questions, sectioned in four thematic segments. In textual development, the interlingual translation method was used.

Keywords: Political Environment; Democratic Polarization; Ideological tension; Right-wing populism; Perspectives.

Iniciando a interlocução

I. Depois de 1989, tem-se falado sobre o “fim da história” na democracia e na economia de mercado e hoje estamos experimentando o surgimento de um novo fenômeno sob a forma de uma liderança autoritária ou populista, de Putin (Rússia) e Erdogan (Turquia) a Donald Trump (EUA). Claramente, um novo “autoritarismo internacional” tem cada vez mais sucesso na definição do discurso político. Ralf Dahrendorf estava certo ao prever um Século XXI autoritário? Pode-se, de fato, falar de uma mudança histórica?

¹ Tradução desenvolvida como material de apoio nos estudos das disciplinas de Ciência Política e Teoria do Estado e de Democracia, Cidadania e Dignidade Humana.

² Filósofo e sociólogo alemão, um dos pensadores mais influentes da contemporaneidade, cujos estudos abarcam diversas temáticas, com destaque às análises nos campos do direito, da política, da história e da ética.

Não estamos superestimando as capacidades do Ocidente retrospectivamente aqui?

É claro que, dada a variedade de seus interesses divergentes, não teria sido fácil para o “Ocidente” ter escolhido o momento certo para lidar racionalmente com as aspirações geopolíticas de uma superpotência russa relegada ou com as expectativas europeias de um irritado governo turco. O caso do egomaniaco Trump, altamente significativo para o Ocidente, é de uma ordem diferente. Com sua campanha eleitoral desastrosa, ele está trazendo à tona um processo de polarização que os republicanos têm visto ocorrer, em cálculos frios, desde a década de 1990. Uma escalada tão inescrupulosa que o “Grand Old Party”, o partido de Abraham Lincoln, não esquece; é um movimento que perdeu totalmente o controle. Essa mobilização de ressentimentos dá vazão às luxações sociais de uma superpotência em declínio político e econômico.

O que eu vejo, portanto, como problemático não é o modelo de um autoritarismo internacional que se pode ter como hipótese, mas a quebra de estabilidade política nos países ocidentais como um todo. Em qualquer julgamento, ao ver a retirada dos EUA de seu papel, como potência sempre pronta a intervir para restaurar a ordem global, é preciso manter os olhos no cenário estrutural – que afeta a Europa de maneira semelhante.

A globalização econômica que Washington introduziu na década de 1970, com sua agenda neoliberal, trouxe em seu rastro um declínio relativo do Ocidente, medido globalmente contra a China e outros países emergentes, como os BRIC. Nossas sociedades devem trabalhar, internamente, a consciência deste declínio global junto com o crescimento tecnológico explosivo, na complexidade da vida cotidiana. Reações nacionalistas estão ganhando terreno naqueles meios sociais que nunca se beneficiaram ou se beneficiaram de forma inadequada dos *ganhos de prosperidade* das grandes economias; porque o sempre prometido “efeito de gotejamento” não se materializou ao longo das décadas.

III. Mesmo que não haja uma tendência inequívoca para um novo autoritarismo, estamos, obviamente, passando por uma enorme mudança à direita, na verdade trata-se de uma *revolta de direita*. E a campanha pró-Brexit foi apenas o exemplo mais proeminente desta tendência na Europa. Você mesmo, disse recentemente, que “não contava com uma vitória do populismo sobre o capitalismo em seu país de origem”. Todo observador sensato não pode deixar de ser atingido pela óbvia natureza irracional, não apenas do resultado dessa votação, mas da campanha em si. Uma coisa é clara: a Europa também está cada vez mais presa a um populismo sedutor, de Orbán (Hungria) e Kaczyński (Polônia) a Le Pen (França) e AfD (Alternativa para a Alemanha)³. Isso significa que estamos passando por um período em que fazer política irracional é a regra no Ocidente? Algumas partes da esquerda já estão defendendo a reação ao populismo de direita com uma versão de esquerda do mesmo.

Antes de reagir, puramente, de modo tático, o quebra-cabeça tem de ser resolvido sobre como aconteceu o roubo dos temas próprios da esquerda pelo populismo de direita. A última cúpula do G-20 apresentou uma peça instrutiva a esse respeito. A leitura, por chefes de governo, aduzia sobre o “perigo da direita”, que pode conduzir Estados-nação a fechar suas portas, levantar uma ponte elevada e dilapidar os

mercados globalizados. Esse clima abraça a mudança de política social e econômica que um dos partici-

³ Partido político alemão conservador.

pantes, Theresa May, anunciou na última conferência do Partido Conservador e que causou ondas de raiva, como esperado na mídia pró-negócio. Obviamente, a primeira-ministra britânica estudou minuciosamente as razões sociais para Brexit; em todo o caso, ela tenta tirar o vento das velas do populismo de direita ao inverter a linha partidária anterior e colocar o foco em um “Estado forte” intervencionista para combater a marginalização das partes da população “deixadas para trás” e as divisões crescentes dentro da sociedade. Dada esta reversão irônica da agenda política, a esquerda na Europa deve se perguntar porque o populismo de direita está conseguindo conquistar os oprimidos e os desfavorecidos pelo falso caminho do isolamento nacional.

Globalização socialmente aceitável através da cooperação supranacional

IV. Como deve ser uma resposta de esquerda para o *desafio de direita*?

A questão é o porquê os partidos de esquerda não vão à ofensiva contra a desigualdade social, embarcando em uma domesticação coordenada e transfronteiriça de mercados não regulamentados. Como uma alternativa sensata – tanto para o *status quo* do capitalismo financeiro feroz quanto para a agenda de um “*völkisch*”⁴ ou retiro esquerdista-nacionalista na suposta soberania de Estados-nação esvaziados há muito tempo –, eu sugeriria que há apenas uma forma supranacional de cooperação que persiga o objetivo de moldar uma reconfiguração política socialmente aceitável da globalização econômica. Os regimes de tratados internacionais são insuficientes aqui; pois, deixando de lado, completamente, sua duvidosa legitimidade democrática, as decisões políticas sobre questões de redistribuição só podem ser realizadas dentro de um marco institucional rígido. Isso deixa apenas o caminho pedregoso para um aprofundamento formal e uma incorporação de cooperação democraticamente legitimada através das fronteiras nacionais. A União Europeia já foi um projeto deste tipo – e uma união política da Zona Euro ainda pode ser. Mas os obstáculos dentro do processo de tomada de decisão nacional são muito altos para isso.

Desde Clinton (EUA), os social-democratas Blair (Grã-Bretanha) e Schröder passaram à linha neoliberal, predominante nas políticas econômicas, porque isso era ou parecia promissor no sentido político. Na “batalha pelo meio”, esses partidos políticos achavam que só poderiam ganhar *maioria* adotando o curso de ação neoliberal. Isso significava aceitar a tolerância de desigualdades sociais crescentes e de longo prazo. Enquanto isso, esse preço – o econômico e sociocultural de partes cada vez maiores da população –, claramente, aumentou, de modo, tão alto que a reação a ele passou para a direita. E onde mais? Se não há uma perspectiva crível e pró-ativa, a reação, simplesmente, recua para expressivas formas irracionais.

V. Pior ainda que os populistas de direita parecem ser os “riscos de contágio” entre os partidos estabelecidos – de fato, em toda a Europa. Sob pressão da direita, a nova primeira-ministra da Grã-Bretanha defendeu uma política radical de dissuasão ou mesmo de expulsão de trabalhadores estrangeiros e imigrantes; na Áustria, o chefe de governo, social-democrata, quer restringir o direito de asilo por decreto de emergência; e na França, François Hollande tem governado por quase um ano já em estado de calamidade,

⁴ O termo *völkisch* pode ser traduzido como “étnico”, derivando do vocábulo “Volk” correlato à “povo”; no período do regime nazista ganhou conotações ligadas às concepções de “nação” e “raça”.

para a alegria da Frente Nacional. A Europa está atenta a esta *revolta de direita* ou as conquistas republicanas estão sendo irreversivelmente destruídas?

Na minha opinião, os políticos nacionais menosprezaram o populismo de direita desde o início. O erro dos partidos estabelecidos reside em reconhecer que o campo de batalha do populismo de direita está definindo: “nós” contra o sistema. Aqui, dificilmente, importa se esse erro toma a forma de uma assimilação ou um confronto com a “direita”. Tomemos o estridente presidente francês Nicolas Sarkozy, que depreciava Marine Le Pen em suas demandas, ou o exemplo do Ministro da Justiça alemão Heiko Maas, que se opunha com força ao debate com Alexander Gauland – ambos tornaram o adversário mais forte. Eles devem ser levados a sério e ter levantados os seus perfis. Há ano que aqui, na Alemanha, todos conhecemos o sorriso irônico de Frauke Petry (líder da AfD) e o comportamento do resto da liderança de sua horrível gangue. É apenas ignorando suas intervenções que se pode retirar o chão dos pés dos populistas de direita.

Mas isso exige estar disposto a abrir uma frente completamente diferente na política doméstica e fazê-lo a partir do problema antes mencionado, o ponto-chave em questão: como recuperar a iniciativa política em relação às forças destrutivas da globalização capitalista desenfreada? Em vez disso, o cenário político é, predominantemente, *cinza no cinza*, onde, por exemplo, a agenda pró-globalização de esquerda que busca dar forma política a uma sociedade global que cresce digital e economicamente, não pode mais ser distinguida da agenda neoliberal, de abdicação política ao poder de chantagem dos bancos e dos mercados não regulamentados.

Portanto, seria necessário voltar a reconhecer programas políticos contrastantes, incluindo o contraste entre – em sentido político e cultural – a abertura “liberal” da esquerda e a fuga nacionalista da direita de uma globalização econômica irrestrita. Em uma expressão: a *polarização política* deve ser recristalizada entre os partidos estabelecidos em conflitos substantivos. Os partidos que concedem atenção aos populistas de direita, ao invés de desprezo, não devem esperar que a sociedade civil despreze frases de direita e violência. Considero, por conseguinte, como o maior perigo uma polarização diferente, para a qual a oposição do núcleo duro dentro da CDU está se movendo, quando lança um olhar cauteloso sobre o período pós-Merkel. Em Alexandre Gauland se reconhece, novamente, a figura central da antiga CDU de Hesse, que aproveitava a ideia de ganhar de volta os eleitores perdidos por meio de uma coalizão com a AfD.

Preparando terreno para um novo fascismo

VI. Mesmo, verbalmente, muitas coisas parecem ser conflituosas: os políticos são cada vez mais denunciados como “inimigos do povo” e abertamente criticados. Alexander Gauland chama Angela Merkel de “chanceler ditatorial”. Na mesma linha, temos a reabilitação gradual do “*Wörterbuch des Unmenschen*” (dicionário do jargão nazista): Frauke Petry quer trazer o conceito de “*völkisch*” de volta ao discurso cotidiano, Björn Höcke fala de “*entartete Politik*” (“política degenerada”), e, em seguida, uma mulher saxônica da CDU cai na clássica fala nazista de “*Umvolkung*” (de-germanização) – e tudo isso sem maiores consequências.

A única lição que os partidos democráticos devem trazer, no que diz respeito ao tratamento de pessoas que estão interessadas em tais termos, é: eles devem parar de agir cautelosamente em relação a esses “cidadãos preocupados” e descartá-los bruscamente pelo que são – terreno fértil para um novo fascismo. Em vez disso, testemunhamos, repetidas vezes, o ritual cômico, bem praticado na antiga República Federal (pré-1990), de um ato compulsório de equilíbrio: toda vez que se fala de “extremismo de direita” é inevitável, os políticos sentem-se obrigados a apontar precipitadamente a um correspondente “extremismo de esquerda”, como se tivessem que escapar de um embaraço.

VII. Como você explica a suscetibilidade ao populismo de direita do AfD no leste da Alemanha e à magnitude das ofensas de extrema direita lá?

Não devemos nos iludir, evidentemente, sobre o forte sucesso eleitoral da AfD também nas regiões ocidentais da Alemanha, como mostram os resultados das últimas eleições em Baden-Württemberg – mesmo que os efeitos agressivos de Meuthen (do AfD) contra o legado da esquerda liberal da geração 68 deixem supor a mentalidade de um extremista de direita, sua disposição parece pertencente àquela da velha República Federal. No Ocidente, os preconceitos de direita dos eleitores do AfD parecem ser filtrados, principalmente, através de um ambiente conservador que não teve oportunidade de se desenvolver na ex-Alemanha Oriental. Na parte ocidental, também, estão os ativistas de direita que, logo após a reviravolta de 1990, passaram da antiga República Federal para o leste e trouxeram consigo as capacidades organizacionais necessárias. No entanto, a julgar pelos dados estatísticos bem conhecidos, uma vulnerabilidade “não filtrada” aos turbulentos preconceitos autoritários e às “velhas continuidades” é definitivamente maior na Alemanha Oriental. Na medida em que este potencial emerge de antigos não eleitores, ele poderia permanecer, mais ou menos, discreto até o catalisador de nossa recente política de refugiados: até então, esses eleitores tinham sido atraídos pela percepção politicamente tendenciosa e boa vontade nacional da CDU oriental ou, em grande parte, capturados pelo partido da “esquerda”. Até certo ponto isto pode ter servido a um bom propósito, mas é melhor, para um corpo político democrático, quando a mentalidade política questionável não é varrida sob o tapete no longo prazo.

Por outro lado, o Ocidente, ou seja, o antigo governo da Alemanha Ocidental, que definiu o modo de reunificação e reconstrução na época e que agora assume a responsabilidade política por suas consequências, pode muito bem acabar segurando o “bebê”, em vista de como a história julga esses fatos. A população da antiga Alemanha Ocidental teve a oportunidade, em boas condições econômicas, de libertar-se gradualmente das discussões públicas de décadas do legado do período nazista, das mentalidades contaminadas e das elites que continuavam no poder. A população da antiga Alemanha Oriental, por sua vez, não teve oportunidade, depois de 1990, de poder rever seus próprios erros e foi forçada a ressignificar o passado nazista.

VIII. Quando se trata de política federal, a AfD tem empurrado a União para uma turbulência estratégica. Recentemente, portanto, políticos da CDU e da CSU (União Social-Cristã) elaboraram uma “convocação” formal para uma “*Leitkultur*”, slogan político que visa preservar um quadro cultural herdado, com a intenção de impedir que o “patriotismo seja entregue a pessoas erradas”. Você lê: “A Alemanha tem o direito de estipular o que deve ser autoevidente”. “Enraizamento em uma pátria afeiçoada e a experiência

diária de patriotismo” devem ser promovidos. Na (antiga) República Federal, na sequência da crescente aceitação da democracia, a Lei Fundamental agiu para a integração bem-sucedida, à medida que a cultura central e seu reconhecimento se tornaram o padrão. Hoje em dia, estamos vivenciando a transição dessa cultura constitucional e patriótica predominante para uma nova cultura predominante baseada em hábitos e costumes?

Obviamente, supusemos que a CDU de Merkel havia deixado para trás o debate sobre o “interior” dos anos 90. A política dos refugiados trouxe à tona uma oposição interna que combina os descendentes da ala nacional-conservadora das antigas CDU e CSU federais com os convertidos da CDU oriental. A sua “convocação” marca o ponto de ruptura em que a CDU desmorona como partido e se força a decidir entre duas opções políticas: organizar a integração dos refugiados de acordo com as normas constitucionais ou de acordo com os ideais da cultura majoritária nacional. Exige-se a diferenciação entre uma cultura majoritária enraizada no país e uma cultura política que abranja igualmente todos os cidadãos.

Essa cultura política, no entanto, ainda é moldada pela forma como os cidadãos, e sua interpretação dos princípios constitucionais, se baseiam nos contextos históricos do país. A sociedade civil deve esperar dos cidadãos imigrantes – sem poder impô-los legalmente – que cresçam nesta cultura política. Aqui, o relatório que Navid Kermani, cidadão alemão de origem iraniana, publicou na revista *Der Spiegel* sobre sua visita ao antigo campo de concentração de Auschwitz é um exemplo comovente e esclarecedor: na mistura linguística de visitantes de muitos países, ele optou por se juntar ao silencioso grupo dos alemães descendentes da *geração de perpetradores*⁵. De qualquer forma, não foi a língua alemã do grupo que o levou a fazê-lo.

Dado que a cultura política não se mantém dentro de uma cultura democrática viva de debate, os cidadãos recém-chegados, por outro lado, desfrutam tanto quanto os de longa data do direito de trazer sua própria voz para o processo de desenvolvimento e mudança desta cultura política comum. O poder definidor dessas vozes é melhor exemplificado pelos escritores, cineastas, atores, jornalistas e cientistas de sucesso das famílias de antigos “trabalhadores convidados” turcos. As tentativas de conservar legalmente uma cultura nacional central não são apenas inconstitucionais, mas não são realistas.

A carreira do chanceler como um “articulador” político

IX. Em sua última entrevista, de 7 de julho, como um “leitor de jornais de longa data”, critica uma “certa cumplicidade da imprensa”, sem a qual “a política geral de Merkel de colocar todo mundo para dormir” não teria sido capaz de se espalhar. Claramente, desde a política de refugiados de Merkel, estamos experimentando uma nova polarização. Você vê alguma chance de, finalmente, se pensar em alternativas políticas?

Dada a fixação na AfD, receio um maior nivelamento das diferenças entre as outras partes. Quando eu falei sobre uma “política diminutiva”, estava falando sobre a Europa. Desde o Brexit, entretanto, no que se refere ao futuro da União Europeia, nada mudou. Não se lê, por exemplo, praticamente nada sobre a escalada do conflito entre o Ministro das Finanças alemão Schäuble e o FMI, que abandonou o programa de ajuda à

⁵ Geração de alemães, temporal e teoricamente, capaz de participar de práticas nazistas.

Grécia. Sem uma iniciativa para mudar a política paralisante de cortes nos gastos, a disponibilidade da Europa para a cooperação também não se desenvolverá em outras áreas políticas.

Wolfgang Schäuble, depois do Brexit, em uma entrevista ao jornal *Die Welt*, publicamente, se retratou por sua proposta prospectiva de uma Europa central pró-ativa que o colocou junto a Karl Lamers no início dos anos 90. Angela Merkel, a quem se conhece como uma política agradavelmente racional a favor do pragmatismo de especialistas, também é vista como uma oportunista de curto prazo e impulsionada pelo poder, que surpreendeu com sua política construtiva para refugiados. Sua última viagem à África mostra que ela tem a capacidade e prontidão para agir de forma estratégica e duradoura. Mas o que significa isso, por outro lado, se, é verdade que desde 2010, ela defende uma política europeia, a partir da estreita perspectiva do egoísmo econômico nacional. Na verdade, ela parece pensar apenas em termos de interesses nacionais nessa área política, onde caberia ao nosso governo dar o impulso a construção e ao desenvolvimento da União Europeia. A mordaz política de austeridade de Merkel, que se mantém rígida ao *status quo*, impediu os passos necessários para avançar e aprofundou as divisões na Europa.

X. Há muito se exige uma transnacionalização da democracia, que fortalecesse a União Europeia, para compensar a perda de controle interno estatal em uma sociedade global altamente interdependente. No entanto, claramente, o desejo de um regresso para o casulo do Estado-nação está crescendo mais e mais. Tendo em conta o estado atual da União Europeia e das suas instituições, há possibilidade realista de lutar contra esta renacionalização?

As negociações sobre o Brexit trarão esta questão de volta à agenda de qualquer maneira. Na verdade, continuo a apoiar a diferenciação interna entre uma União Euro-Política cada vez mais próxima (palavra-chave: Europa Central) e uma periferia de Estados-membros hesitantes que adiram ao núcleo a qualquer momento. Tantas razões políticas e fatos econômicos falam por esse projeto que penso que os políticos seriam mais bem empregados acreditando na capacidade de aprender com as pessoas do que justificando seu abandono quanto a modulação política do futuro, com uma referência fatalista sobre forças sistêmicas inalteráveis. A carreira de Angela Merkel oferece, com a retirada da energia nuclear e sua política de refugiados, dois notáveis contraexemplos da tese da falta de espaço para uma *manobra política*⁶.

Referências

Habermas, Jürgen. **Für eine demokratische Polarisierung:** wie man dem Rechtspopulismus den Boden entzieht. *Blätter für deutsche und internationale Politik*. Disponível em: [<http://www.blaetter.de/archiv/jahrgaenge/2016/november/fuer-eine-demokratische-polarisierung/>].

Habermas, Jürgen. **For a Democratic Polarisation:** How To Pull The Ground From Under Right-wing Populism. *Social Europe*. Trad. David Gow. Disponível em: [<http://www.socialeurope.eu/2016/11/democratic-polarisation-pull-ground-right-wing-populism/>].

⁶ Expressão utilizada no sentido de viragem contra o avanço do populismo de direita.